

PROJETO SOCIAL PROMOVE superação por meio do esporte

FUNDADO EM 2007, PROJETO CRIADO PELA TRIATLETA MONIKE AZEVEDO CONTA COM DOIS NÚCLEOS DE ESCOLINHA DE TRIATHLON, NAS CIDADES DE IGUABA GRANDE E SÃO PEDRO DA ALDEIA (RJ)



Triatleta Monike Azevedo

Com capacidade para atender 120 crianças e adolescentes, de 7 a 16 anos, o projeto social Monike Azevedo utiliza, há mais de 10 anos, o triathlon para transmitir valores a moradores da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. O projeto leva o nome da tricampeã brasileira do esporte e profissional de Educação Física, Monike Azevedo [CREF 014313-G/RJ].

A triatleta não só prega a superação como dá o exemplo. Seu dia começa às 5h20, com seu treino pessoal. Às 9h30 ela já está na Base Aeronaval da Marinha - que é parceira do projeto e cede o espaço, orientando a primeira turma. E lá permanece até às 18h20. "Estou aqui todos os dias. Eu sei os nomes de todas as crianças. Continuo treinando, competindo, mas estou sempre presente. Eu respiro o projeto", conta.

Foi para respirar melhor que Monike iniciou sua jornada esportiva, aos 6 anos. "Minha mãe, que também é formada em Educação Física, me colocou na natação porque eu tinha bronquite. Até que ela percebeu que eu me destacava e continuou me incentivando. Sempre me apoiou". Essa foi a diferença na vida de Monike. "Na verdade, eu acho que isso é fundamental para uma criança continuar no esporte: o incentivo dos pais. Toda criança gosta de praticar esportes, mas o incentivo é essencial para que eles permaneçam".

E se não há incentivo em casa, o da “Tia Monike”, como é chamada pelos alunos, não falta. “Sou eu que realmente toco o projeto. Eu não vou lá visitar. O tempo que eu dou para eles de instrução e de parte técnica é o que eu acho que faz diferença. Não é à toa que tivemos 23 alunos campeões brasileiros e 57 entre os três melhores do Brasil. Ainda assim, formar atletas não é o nosso objetivo, mas uma consequência do nosso trabalho”, explica.

Trabalho esse que é levado a sério. Monike defende que a orientação profissional é fundamental. Caso contrário, as consequências podem ser negativas, como um trauma na vida daquela criança. “Por isso, nós nunca passamos o esporte como obrigação, mas sim de forma lúdica. É na ludicidade que conseguimos novos caminhos para as crianças. As perspectivas de novos rumos e a superação deles vão acontecendo diariamente”.

Mas não cai do céu. Pelo contrário, é resultado de muito esforço e dedicação. Os alunos treinam de segunda a quinta, duas horas por dia. As turmas são divididas entre os níveis iniciante, intermediário e alto rendimento, classificando os alunos, respectivamente, entre aqueles que dominam apenas uma das três modalidades, aqueles que sabem duas das três e aqueles que não só nadam, correm e pedalam, mas têm um potencial a mais.

“No projeto, você não sabe quem é a criança com mais poder aquisitivo e quem é a criança com menos. Todos têm o mesmo uniforme, usam o mesmo tênis e equipamento. Isso é socializar.

Às vezes, a criança mais sorridente é a que tem a maior dificuldade financeira. Você não sabe quem é quem.

Aqui é todo mundo igual”

A turma de alto rendimento, orientada por Monike, é a mais puxada: descanso, só domingo. Os treinos acontecem de segunda a sábado, também com duas horas por dia – isso quando a “Tia Monike” está boazinha. “Às vezes eu estendo um pouco”, confessa Monike. As aulas são divididas em duas partes, sendo sempre a combinação de natação e outra modalidade – ciclismo, corrida ou até mesmo um reforço muscular.

Chegar à turma do alto rendimento é o sonho dos alunos. A chance de chegar lá acontece de seis em seis meses, quando geralmente ocorrem os testes. E todos têm a mesma oportunidade. “No projeto, você não sabe quem é a criança com mais poder aquisitivo e quem é a criança com menos. Todos têm o mesmo uniforme, usam o mesmo tênis e equipamento. Isso é socializar. Às vezes, a criança mais sorridente é a que tem a maior dificuldade financeira. Você não sabe quem é quem. Aqui é todo mundo igual”.

Assim como o uniforme, os alunos têm outro atributo em comum: o espírito de superação. “Nós não colocamos as medalhas e pódios como meta, mas a superação pessoal. Mesmo participando de competições, o nosso objetivo nunca é vencer, e sim nos superar. Se, como consequência, eles trouxerem uma medalha, ótimo. Resumindo, o triathlon é para a gente exatamente isso. Com ludicidade, passamos esses valores para as nossas crianças”, define Monike.



Em evento, alguns dos pequenos atletas puderam conhecer o ídolo jamaicano, Usain Bolt